

MESTRADO

DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

DISSERTAÇÃO

**IMPACTOS DA PANDEMIA POR COVID-19 NOS MIGRANTES
BRASILEIROS EM PORTUGAL**

GABRIELA OLIVEIRA E TELES

OUTUBRO – 2020

MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO

**IMPACTOS DA PANDEMIA POR COVID-19 NOS MIGRANTES
BRASILEIROS EM PORTUGAL**

GABRIELA OLIVEIRA E TELES

ORIENTAÇÃO:

PROFESSOR DOUTOR JOÃO ALFREDO DOS REIS PEIXOTO

OUTUBRO – 2020

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho apenas foi possível graças à generosidade dos Professores João Peixoto, Andrea Oltramari e Duval Fernandes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PUC Minas e Universidade de Lisboa, respectivamente, que concederam o acesso aos dados da pesquisa por eles realizada, dados estes que serviram de base para o presente estudo e que são portanto a estrela principal do texto que será aqui lido.

Não poderia deixar de mencionar Michael Duarte, que disponibilizou seu precioso tempo para auxiliar no tratamentos dos dados, a quem sou muito grata.

Agradeço a meus pais, Virgínia e Moisés, que sempre me incentivam e apoiam para que eu alcance todos os meus sonhos e metas.

Dedico também este trabalho aos meus clientes, que me permitem caminhar com eles e tornam meu ofício possível e tão gratificante.

Por fim, agradeço às companheiras de caminhada nesse curso, Nuzyare Almeida, Daniela Cardoso, Rafaela Prado, Yolanda Francisco.

RESUMO

O presente trabalho final de Mestrado como objetivo avaliar os impactos da COVID-19 nos migrantes brasileiros em Portugal a partir de pesquisa por inquérito realizada no período de maio a julho de 2020, durante o início do desconfinamento no país. As principais bases empíricas são os dados do inquérito e a observação participante da autora. Apesar da pesquisa ser exploratória, a partir da qual não é possível inferir sobre a população total dos brasileiros em Portugal, o presente trabalho concluiu que a maioria dos migrantes chegou após 2016, e portanto pertencem a uma 4ª onda migratória de brasileiros no país, com perfis muito característicos e diversos daqueles já delineados por outros autores. Também se verifica que, apesar das dificuldades enfrentadas na crise serem agravadas para os imigrantes, o Governo português adotou medidas importantes que protegeram essa população. Observou-se uma não confiança nas instituições formais, e um desejo de não retornar ao Brasil mesmo que não estejam trabalhando e com os desafios da crise. Em razão da extensão da pandemia e seus efeitos, se fazem necessárias mais pesquisas sobre a situação dos migrantes brasileiros nos momentos atual e posteriores.

Palavras-chave: Migração brasileira, Portugal, Pandemias e Migrações, Covid-19.

ABSTRACT

This final Master's work aims to assess the impacts of COVID-19 on Brazilian migrants in Portugal from a survey conducted in the period from May to July of 2020, during the ending of the lockdown in the country. The main empirical bases are the survey data and the author's participant observation. Although the research is exploratory, from which it is not possible to infer about the total population of Brazilians in Portugal, the present study concluded that the majority of migrants arrived after 2016, and therefore belong to a 4th migratory wave of Brazilians in the country, with very characteristic profiles and different from those already outlined by other authors. It also appears that, despite the difficulties faced in the crisis being made worse for immigrants, the Portuguese Government adopted important measures that protected this population. There was a lack of confidence in formal institutions, and a desire to not return to Brazil even if they are not working and besides the challenges of the crisis. Due to the extent of the pandemic and its effects, more research is needed on the situation of Brazilian migrants at the present and subsequent times.

Keywords: Brazilian migration, Portugal, Pandemics and Migration, Covid-19.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	II
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
LISTA DE ABREVIATURAS	VI
LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS	VII
INTRODUÇÃO	1
1. REVISÃO DE LITERATURA	3
<i>1.1 MIGRAÇÃO BRASILEIRA EM PORTUGAL</i>	3
<i>1.2. FENÔMENOS PANDÊMICOS</i>	6
<i>1.3. IMPACTOS DAS CRISES NA POPULAÇÃO MIGRANTE</i>	9
2. METODOLOGIA	11
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	14
<i>3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES</i>	14
<i>3.2 MORADIA E COMPOSIÇÃO FAMILIAR</i>	16
<i>3.3 ATIVIDADE DOS MIGRANTES BRASILEIROS</i>	18
<i>3.4 IMPACTOS DA PANDEMIA</i>	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE	32

LISTA DE ABREVIATURAS

COVID-19: *Corona Virus Disease* (Doença do Coronavírus)

IBGE: Organização Internacional do Trabalho

OIT: Organização Internacional do Trabalho

OMS: Organização Mundial de Saúde

PIB: Produto Interno Bruto

PUC Minas: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

SEF: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULisboa: Universidade de Lisboa

VAB: valor acrescentado bruto

LISTA DE FIGURA E TABELAS

Figura 1 - Evolução do número de imigrantes brasileiros em Portugal (2010 - 2018) .	15
Figura 2 – Raça/Cor.....	15
Figura 3 – População brasileira por raça ou cor	15
Tabela I - Com quem você vive na Europa?	17
Tabela II - Nesse momento, o que você gostaria de fazer?.....	25

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo avaliar os impactos da pandemia por COVID-19 na população imigrante brasileira em Portugal, partindo de um inquérito realizado no período de maio a julho de 2020.

As pandemias e migrações são fenômenos relacionados, pois, além das pandemias serem resultado da mobilidade populacional, afetam diretamente as populações migrantes que, em muitas situações, são mais vulneráveis do que a originária.

Em Portugal, a migração brasileira é uma realidade mais significativa desde a década de 1980. Nesse processo observou-se ondas/vagas diversas, com perfis de migrantes diferentes. Atualmente, observa-se a 4ª vaga migratória brasileira, classificada por alguns autores como 3ª.

A partir dos resultados da pesquisa, da qual não é possível inferir sobre o total da população, tanto considerando o tamanho da amostra, quanto a forma de recolha em bola de neve, o presente estudo analisará qual o perfil atual dos migrantes e quais as reações e comportamentos desses migrantes frente à crise decorrente da pandemia por COVID-19 em 2020.

A utilização da técnica de recolha de dados em bola de neve teve como grande desvantagem a impossibilidade de generalização dos resultados para todos os imigrantes brasileiros em Portugal. Outra desvantagem do enviesamento natural desse tipo de recolha ,é que a maior parte dos respondentes realizaram a migração após 2016, o que já revela um perfil específico da 4ª vaga.

O trabalho propõe-se a analisar os dados coletados no inquérito supra citado, o qual traz informações novas e recentes acerca da reação do grupo pesquisado à crise provocada pelo COVID-19, avaliando a capacidade de suportar crises, e quais recursos foram utilizados pelos imigrantes. Também se alia a essa análise, a observação participante da autora, a qual é advogada em Portugal e lida diariamente com os migrantes brasileiros e suas realidades e percepções.

Sendo assim, a metodologia adotada para o desenvolvimento do presente trabalho é mista, qual seja, quantitativa, baseando-se em inquéritos por questionário semi aberto, e qualitativa, baseando-se na observação participante.

Quanto à organização do texto, na seção 1 é feita uma revisão de literatura acerca dos fenômenos pandêmicos, da migração brasileira para Portugal e sobre a reação dos migrantes a crises, com a descrição dos fatores pressupostos à análise da situação atual. Na seção 2 é descrita e fundamentada a metodologia aplicada para o desenvolvimento do presente trabalho. Na seção 3 são expostos e analisados os dados coletados. Por fim, apresenta-se a conclusão do trabalho.

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 MIGRAÇÃO BRASILEIRA EM PORTUGAL

O fenômeno das migrações é algo tão antigo quanto a própria formação das sociedades. Mudar, deslocar em busca de melhores condições de alimentação, abrigo, oportunidades melhores, ou mesmo qualidade de vida, é algo natural dos indivíduos e grupos e, portanto, uma consequência do próprio processo de desenvolvimento e suas desigualdades. Conforme lecionou o clássico Ravenstein ainda no século XIX, a migração é consequência do desenvolvimento, fluindo de áreas agrárias a industriais e de comércio, com causas econômicas (Skeldon, 2008).

O fenômeno da migração, suas motivações e formas, fluxos e perfis, vêm evoluindo ao longo do tempo. Assim é com a migração brasileira para Portugal, observada com mais intensidade a partir da década de 1980, a qual vem variando em aspectos como número de migrantes, nível de qualificação, inserção laboral e motivação para a migração (Malheiros, 2007).

Interessante perceber que há uma dificuldade em medir os fluxos migratórios brasileiros a Portugal, tendo em vista o intercâmbio entre os países ser tão antigo quanto a própria descoberta do Brasil.

Os fluxos de retorno de emigrantes portugueses, a aquisição da nacionalidade portuguesa por luso-descendentes e, mais recentemente, a multiplicação dos estatutos de dupla nacionalidade, explicam porque razão a presença de imigrantes provenientes do Brasil foi sempre difícil de quantificar.

Gois et al., (2009), p. 129

Apesar dessa dificuldade com a não identificação dos migrantes pelo lugar de nascimento ou país de nacionalidade, há muitos estudos que indicam qual o perfil da migração. Após uma fase tradicional de chegada de emigrantes portugueses retornados e entrada de luso-descendentes, observa-se, a partir da década de 1970, o início da entrada

de brasileiros sem ligação prévia a Portugal. Ao longo das décadas mais recentes, a migração brasileira tem sido classificada em diferentes vagas ou ondas.

Há dois momentos bem definidos de vagas migratórias recentes de brasileiros para Portugal. O primeiro ocorre entre o final da década de 1970 e o final da década de 1990, cujo principal perfil é de profissionais qualificados, que conseguem inserção profissional na área de formação (Baganha, Ferrão e Malheiros, 1999, Machado, 1997, Peixoto, 1999 e 2002,). Já a segunda vaga, inicia-se no final dos anos 1990 e finda-se em 2010, como resultado da crise econômica em Portugal, aliada à prosperidade da economia brasileira. Esta vaga é caracterizada pelo maior número de migrantes, predomínio de mulheres, inserção laboral precária e desajustada aos níveis de qualificação (Padilla, 2006, França e Padilla, 2018, Malheiros, 2007).

França e Padilla (2018) indicam também estar se desenhando, desde 2016, uma nova vaga migratória de brasileiros, decorrente da crise política e econômica brasileira, que alavancou novos movimentos migratórios, caracterizados por

diversidade de perfil ilustrada pela capacidade financeira e empreendedora, os altos níveis de habilitações profissionais, a procura de maiores qualificações (estudantes e pesquisadores), a segurança e estabilidade das aposentadorias no Brasil.

França e Padilla, (2018), p. 25.

Esse atual momento migratório é denominado, por alguns autores, de 3ª vaga (França e Padilla, 2018).

Impende ressaltar que não há um consenso sobre a denominação da atual onda, tendo em vista que Gois et al. (2009) fazem uma diferenciação acerca do período compreendido entre 1990 e 2008, em que conceituam 2 vagas, enquanto França e Padilla (2018) conceituam uma única vaga denominada de 2ª vaga.

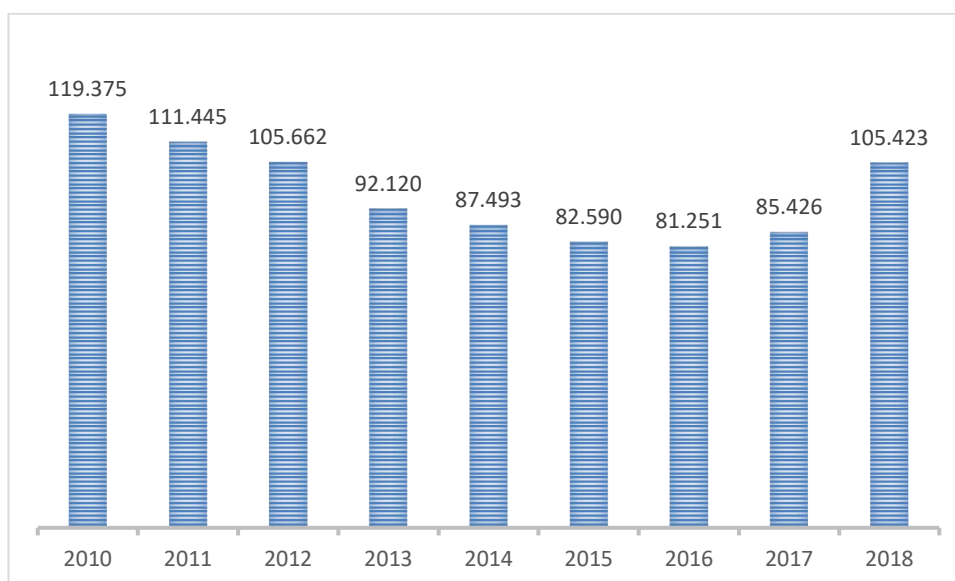
Os primeiros observaram, no período de 1970 a 2000, duas ondas migratórias, quais sejam, entre 1970 a 1989, uma migração de profissionais qualificados com inserção

laboral na mesma área de formação; já a 2ª vaga seria de 1990 a 2000, com a chegada de brasileiros, em maioria homens, com baixa escolarização, cuja inserção profissional foi na construção civil e serviços; entre 2001 e 2008 ocorreu a 3ª vaga, em que há um aumento do fluxo migratório com o mesmo padrão laboral da vaga anterior, mas predomínio de mulheres (Góis e al., 2009).

Importa ressaltar que, a partir de 2008, com a crise económica vivida no mundo inteiro, e especialmente sentida em Portugal, aliada com uma estabilidade financeira e económica brasileira, seguida de um crescimento, foi identificado um retorno significativo de brasileiros ao Brasil provenientes de Portugal, que se manteve em crescimento até 2016. Entretanto, tal recuperação econômica brasileira não foi mantida, havendo redução contínua dos índices brasileiros de PIB e consumo, diferentemente de Portugal, que no mesmo período observou uma redução gradual do desemprego e melhora gradual e contínua na economia (Barbosa e Lima, 2020; França e Padilla, 2018).

Tal crescimento de Portugal fez reverter, pela primeira vez, em 2017, a tendência de retratação da população brasileira em Portugal observada desde 2010, conforme Figura 1.

Figura 1 - Evolução do número de imigrantes brasileiros em Portugal (2010 - 2018)



Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2010 – 2018)

Apesar de haver uma diferença nas denominações, os perfis identificados são semelhantes entre os autores, inclusive sobre o momento atual. Sendo assim, adota-se, como marco teórico, a existência de três vagas conceituadas e observadas (Góis e al., 2009, França e Padilla, 2018). De modo que a avaliação passa a ser sobre a existência de uma nova vaga atual, baseada em novos perfis de migrantes brasileiros cuja entrada ocorre a partir de 2016.

O perfil laboral delineado para a 4ª vaga por Oltramari, Scherera e Fraga (2020) é de grupos de profissionais qualificados, nomeadamente:

- 1) qualificados que atuam em sua área de formação (jovens com cidadania europeia);
- 2) qualificados ou com baixa qualificação e under-employed (desqualificados no destino);
- 3) estudantes altamente qualificados e under-employed e
- 4) altamente qualificados que atuam em sua área de formação (privilégio de classe, acima de 45 anos).

Oltramari, Scherera e Fraga (2020), p.14,

Porém, não só de profissionais, mas também pessoas que buscam inserção profissional é caracterizada a atual vaga migratória: França e Padilla (2018) ressaltam também aposentados, investidores e estudantes que apenas estudam, ou seja, pessoas que possuem renda própria ou familiar e, portanto, com melhor condição financeira. Esta alteração se reflete inclusive na forma como os portugueses enxergam e como os meios de comunicação portugueses se referem aos brasileiros, não mais como indesejados e associados à “criminalidade e violência, baixos níveis de qualificação e hipersexualização da mulher brasileira” (p. 25), mas como desejáveis e respeitáveis, posto que investidores, dinamizadores da economia, profissionais qualificados e estudantes.

Atualmente, define-se, estuda-se e observa-se a quarta vaga dessa migração, foco do presente estudo, através da análise de perfil e da avaliação dos efeitos da pandemia no grupo estudado.

1.2. FENÔMENOS PANDÊMICOS

O fenômeno pandêmico também é tão antigo como as migrações, pois afinal é uma de suas consequências.

Os registros pandêmicos remontam desde a Grécia, e são verificados em escritos religiosos antigos. As pandemias são associadas à mobilidade populacional humana, seja por conta de viajantes, mercadores, forças militares (Greenaway e Gushulak, 2017, p. 317).

No século XIV, a praga da peste negra, ocasionada pela praga bubônica/pneumônica, uma das mais fatais doenças infecciosas da história, cuja disseminação é atribuída inicialmente ao comércio marítimo vindo da Ásia para a Europa e foi a primeira a engatilhar o processo de quarentena, isolando as comunidades receptoras dos navios e tripulação, que eram obrigadas a estar isoladas por até 40 dias, como forma de prevenção (Greenaway e Gushulak, 2017, p. 317, 318).

Interessante salientar que, no início da pandemia da Peste Negra, a sua disseminação foi atribuída ao comércio e às viagens, e não às migrações, percepção que mudou com o passar do tempo e a evolução das diversas pandemias, passando-se a atribuir às viagens e migrações a responsabilidade por essas chagas, caso da comunidade judia, que foi altamente prejudicada com mortes, deportação e banimento (Greenaway e Gushulak, 2017, p. 318).

Entretanto,

The true impact and potential devastation of population mobility and international disease spread was demonstrated by the 1918 influenza pandemic.

Greenaway e Gushulak, (2017), p. 318, 319.

A pandemia da Influenza, já no século XX, com a presença de tecnologia farmacêutica, inaugurou algumas medidas e formas de controle, com a presença de vacinação e antibióticos, e a criação da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1948, que adotou Regulamentos Sanitários Internacionais com foco na prevenção da transmissão da cólera, peste, varíola, febre tifóide e febre amarela em fronteiras internacionais (Organização Mundial da Saúde, 2008).

No final da década de 60 do século 20, com a diminuição ostensiva dos números de infectados e mortes, em comparação com a década anterior, graças ao uso de vacinas e antibióticos, acreditou-se que seria possível o controle de toda e qualquer doença contagiosa (Harris, 2016). Entretanto essa crença não durou muito: A humanidade foi surpreendida com a AIDS, que rapidamente se alastrou em todos os continentes, na década de 1980 do mesmo século, e depois o primeiro surto de SARS a partir de 2002, na China (Harris, 2016).

A OMS (2008) já previa que, no século XXI, o mundo estaria mais vulnerável a doenças epidêmicas, além de outros desastres que potencialmente afetam todo o globo, nunca um país isoladamente. Isso é observado com a crescente frequência de situações epidêmicas e pandêmicas já no século XXI, como gripe aviária, H1N1, cólera, dengue, Zika, Ebola, entre outras (Brianda, 2016).

Com o desenvolvimento da tecnologia de aviação, com aviões cada vez maiores e mais rápidos, além da progressiva democratização do acesso a viagens nacionais e internacionais e mais aeroportos internacionais, o fluxo de passageiros aumentou progressivamente, de modo que o controle e prevenção de doenças nas fronteiras torna-se cada vez mais difícil, tendo em conta o aumento da velocidade de disseminação de doenças e o seu tempo de incubação, de modo que assintomáticos viajam e contaminam outros indivíduos.

Greenaway e Gushulak (2017) apontam que, mesmo que viagens e migrações sejam consideradas componentes integrais e importantes de qualquer infecção pandêmica moderna, as evidências são claras de que a velocidade e o escopo das viagens atuais serão um fator possivelmente mais importante das infecções pandêmicas, de modo que sugerem que não são as migrações o fator significativo na disseminação global de qualquer uma das infecções recentes, pois migrantes são, em termos absolutos, uma pequena corte de todas as chegadas internacionais. Visitantes, aqueles que viajam a negócios ou comércio, cidadãos ou residentes da nação anfitriã, pessoal militar e outros viajantes não imigrantes são uma população muito maior (p. 324-325).

1.3. IMPACTOS DAS CRISES NA POPULAÇÃO MIGRANTE

Entretanto, apesar de as pandemias não serem, como outrora, um fenômeno consequente das migrações, aquelas influenciam diretamente nessas. Os migrantes são de forma geral mais vulneráveis que as populações locais, por não terem em muitos casos redes de apoio familiar, nem acesso a serviços públicos e pela própria condição laboral em que a maioria se encontram (Fassani & Mazza, 2020), de modo que a prevenção e tratamento da doença e reação à situação de crise é mais desafiadora.

O COVID-19 é uma doença viral causada pela mesma família de vírus responsáveis pelas epidemias de SARS em 2002-2003 e a epidemia de síndrome respiratória do Médio Oriente (MERS) em 2012 (DGS, 2020). O denominado SARS-CoV-2 foi identificado em seres humanos pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, China, e rapidamente espalhou-se no mundo, sendo observados os primeiros picos em fevereiro/março de 2020 já em outros continentes, como a Europa.

Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou emergência de saúde pública de âmbito internacional, e em 11 de março de 2020 foi elevada à classificação de pandemia.

Em Portugal, apesar da proximidade com a Itália, país que já continha altos números em Fevereiro, apenas em 16 de Março de 2020 foi declarado o contágio local, com declaração do Estado de Emergência em 19 de Março de 2020, o isolamento obrigatório, fechamento de escolas, e trabalhadores em teletrabalho. Situação que se estendeu até 4 de Maio de 2020, quando iniciou-se o desconfinamento progressivo até o dia 01 de junho, quando a maior parte do país passou a um estado de calamidade.

O período em que o confinamento foi obrigatório ocasionou muitos prejuízos financeiros e econômicos globais, com impactos em todos os setores da sociedade portuguesa, o que já se anunciava em Fevereiro de 2020, quando ainda não havia casos em Portugal, mas Itália em quarentena e China em estado crítico já causavam prejuízos em alguns setores (Laranjeiro et al, 2020).

Tal situação efetivamente foi confirmada e agravada, com a pandemia, tendo no primeiro trimestre de 2020 o PIB real caído 2,4% (em termos homólogos) e 3,9% (face

ao trimestre anterior) (OIT, 2020). A Comissão Europeia, FMI e Banco de Portugal preveem crise profunda para o ano de 2020, com expectativa de retoma do nível pré COVID-19 após 2022, sendo os índices de emprego total ainda mais difíceis de serem recuperados (OIT, 2020).

A questão do emprego para o migrante e sua conseqüente incorporação económica é um aspecto importante, tendo em vista ser este um fator fundamental no processo de integração (Esteves et. al, 2017a). Principalmente tendo em conta que, em regra, os migrantes estão inseridos em situação de maior vulnerabilidade, pois frequentemente estão inseridos na economia informal, “especialmente na agricultura, pesca, serviços domésticos e de limpeza, comércio a retalho, construção e diversas atividades relacionadas com o turismo” (OIT, 2020, p. 8). Estão, portanto, mais expostos ao desemprego e desproteção e mais vulneráveis à quebras na procura devido a medidas de confinamento.

Também identificado por Esteves et. al (2017a).

The higher unemployment rates of third country citizens and lower wages comparatively to nationals for medium and low skilled jobs in the same professional group reveal immigrants' increased vulnerability to harsher conditions in the labour market integration.

Esteves et. al , (2017a), p.12.

Apesar de ainda não se saber, em definitivo, os impactos da pandemia por COVID-19 na economia portuguesa, sabe-se que houve uma redução drástica no valor acrescentado bruto (VAB) já em abril de 2020 em muitos setores, como alojamento e restauração (-70,3%), comércio a retalho de bens não essenciais e comércio e reparação de automóveis (-74,4%) e o setor de serviços (-62,2%) (OIT, 2020, p. 5). Não se contabiliza aqui os impactos a longo prazo, docorrentes da diminuição do turismo, com as fronteiras restritas e a diminuição do poder de consumo da população local, que perdura até então.

Fazendo então um contraponto com a crise mais recente experienciada por Portugal, a de 2007-2008, que teve impactos por muitos anos, e ocasionou efeitos

migratórios como a diminuição de cidadãos estrangeiros residentes em Portugal, tanto por conta da redução dos fluxos de entrada, quanto do regresso ao país de origem e da saída em busca de oportunidades laborais melhores em outros países (Esteves et al., 2017b).

Esteves et al. (2017b) referem que a crise impacta mais fortemente os migrantes que os nacionais, tendo em vista a precarização laboral que já existe antes da crise e que, por ela, é agravada, além das reações dos imigrantes perante crises serem diversas, classificadas em: “i) mobilizar os recursos individuais, nomeadamente as poupanças; ii) o trabalho informal; iii) ficar sem qualquer rendimento – e fora do mercado de emprego - com o apoio das redes sociais; iv) criar o próprio emprego e v) optar pela mobilidade internacional (de retorno ao país de origem ou reemigração).” (p. 153)

É exatamente o impacto da pandemia na população migrante brasileira em Portugal o que se pretende avaliar no presente trabalho.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho utiliza as metodologias da pesquisa quantitativa, através de um inquérito por questionário, e da observação participante.

A coleta dos dados ocorreu através de questionário online semi estruturado, com perguntas fechadas e abertas, o qual foi respondido entre os dias 11 de maio de 2020 e 11 de junho de 2020, e disseminado por correio eletrônico e pelas redes sociais Facebook, Instagram, WhatsApp. A elaboração do inquérito (Anexo I) foi coordenada pelos professores doutores Andrea Oltramari, Duval Fernandes e João Peixoto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica de Minas e Universidade de Lisboa, respectivamente. Não houve financiamento para a pesquisa, cujo nome é “O impacto da covid-19 na migração brasileira na Europa”, a qual coletou dados em toda a Europa. Porém, para o presente estudo, foram selecionados apenas os respondentes que viviam em Portugal no momento da pesquisa e nasceram no Brasil, sendo este universo de 199 (cento e noventa e nove) respostas válidas.

Os dados coletados são de fonte primária, o que, por si só, revela a originalidade do presente trabalho. Este não fez parte da pesquisa inicial, sendo um trabalho individual que utiliza os dados coletados no inquérito e cedidos pela equipe coordenadora, para um estudo que alia os dados à observação participante da autora, de modo a observar-se os impactos da atual crise na população migrante, sem qualquer inferência populacional.

Entretanto, ressalta-se que a amostra não é representativa da população migrante brasileira residente em Portugal, pelas razões que são descritas a seguir.

O método de coleta dos dados, através de redes sociais e meios digitais, é bastante peculiar. Se, por um lado, tem vantagens como redução dos custos, do tempo de coleta, possibilidade de maior alcance de pessoas, facilidade no tratamento dos dados que já ficam armazenados em meio digital. Há, por outro lado, algumas limitações, como dificuldade em definir ou estimar as taxas de resposta, pois a participação se espalha por meio de encaminhamentos e convites não documentados, através das próprias redes (Buttha, 2012).

A forma de coleta de dados em bola de neve não permite que a amostra seja aleatória, relevante e representativa da população, é antes uma amostra enviesada de um recorte muito específico e que é respondida por um grupo específico, dada a forma de coleta. Entretanto, as respostas refletem e preservam estatísticas obtidas pelos meios tradicionais de pesquisa, sendo portanto uma ferramenta interessante para um trabalho exploratório, tanto quantitativo quanto qualitativo (Buttha, 2012).

Ressalta-se que o contexto da coleta de dados também foi atípico, tendo em vista Portugal estar vivendo um momento de desconfinamento gradual, que iniciou-se em 4 de maio de 2020, com o fim do estado de emergência e início do estado de calamidade. A população vivia, então, uma gradual e lenta retomada das atividades cotidianas e externas à casa, em que o único contato com o mundo exterior se dava através da internet e dos dispositivos eletrônicos.

Todo esse contexto de isolamento e aumento do uso de meios digitais tornou a coleta de dados árdua, pois foram poucos os respondentes à pesquisa a cada disseminação, reflexo das dificuldades vividas durante a quarentena, com a reorganização das dinâmicas

familiares e laborais, além da saturação com os meios digitais de uso tão exigido durante o período.

Ademais, utiliza-se, para a construção do presente trabalho, o método da observação participante, consequente da observação realizada no trabalho enquanto advogada de imigração, que possibilita um contato diário com a população migrante brasileira em Portugal, suas dores e motivações.

O clássico fundador da observação participante, Malinowski (1978), afirma que, para bem poder observar, é preciso não parecer estranho ou intruso na comunidade observada, de modo que as pessoas não se importam de compartilhar a sua intimidade porque estão à vontade e porque com ela estava integrado e participante (p.21-23).

Participar, pois, das dinâmicas da comunidade observada é fundamental. Entretanto, para isso é necessário compreender alguns backgrounds, de modo que o contato com a comunidade observada seja profícuo e permita uma leitura adequada (Oliveira, 2006). Tal é o caso da observadora, aqui escritora, que, por ser brasileira, percebe as vivências anteriores e durante a migração, o que permite também uma menor distância social e linguística entre pesquisador e pesquisado, sem perder o olhar da observante, tendo em vista lidar com muitas realidades diferentes da sua e por muitas vezes diversas entre si.

A distância entre o pesquisador e o entrevistado é natural e necessária mas, por outro lado, a distância não pode ser tamanha a ponto de tornar o investigador um estranho, repleto de símbolos e características que o afasta ainda mais do entrevistado e direciona-o, interferindo nas respostas e resultados; o pesquisador é, portanto, um sujeito que interage com a pesquisa e objeto pesquisado, sendo influenciado e influenciando o campo constante e continuamente, como um processo (WEBER, 2009).

Diferentemente dos dados oriundos das repostas ao questionário, na observação realizada não há um roteiro de perguntas, mas prioritariamente uma observação realizada durante o período pandêmico e pós pandêmico com os brasileiros em Portugal,

consequente do natural contato com brasileiros, em situação regular e também irregular, nas áreas administrativa e judicial.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Na presente seção, serão apresentados e discutidos os dados coletados no questionário indicado anteriormente, à luz dos elementos colhidos na observação participante da autora, iniciando-se pela avaliação do perfil dos respondentes, caracterização de moradia, composição familiar, atividades ocupacionais e os impactos iniciais ocasionados pela pandemia do COVID-19.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

O universo pesquisado conta com 199 (cento e noventa e nove) pessoas respondentes, sendo 100% brasileiros nascidos no Brasil e vivem em Portugal no momento da pesquisa.

Dado importante a ser ressaltado é que a maioria (88,4%) dos respondentes vivem em Portugal há 4 anos ou menos, sendo 9% residentes há um período entre 4 e 6 anos. Portanto, a maior parte dos respondentes está compreendida na denominada 4ª vaga, que chegou a Portugal desde 2016.

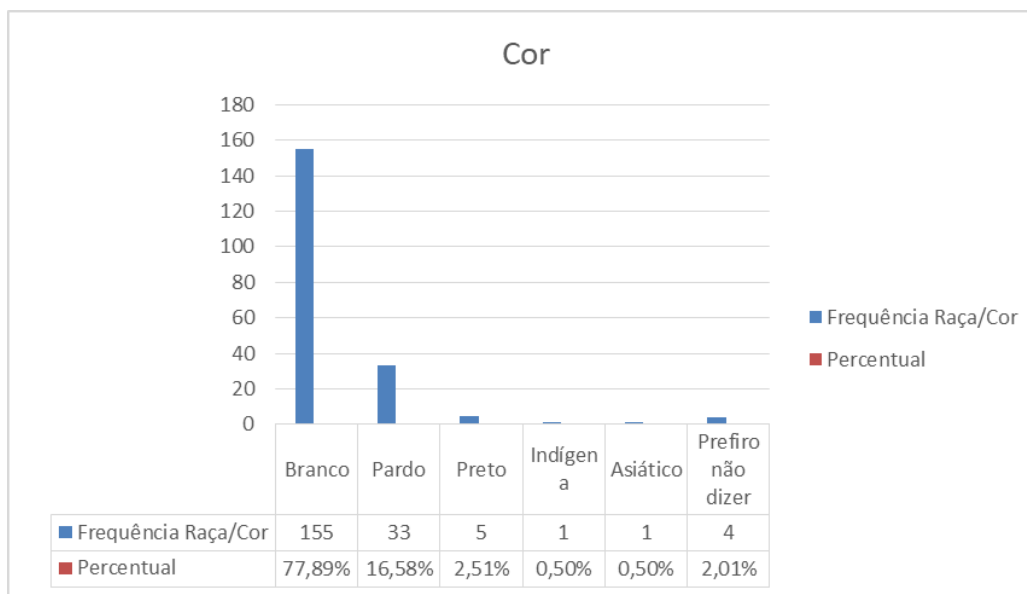
Acerca do gênero, a maioria dos respondentes é feminino (86,9%), seguido de apenas 12,6% masculino e 0,5% declarou-se não binário, com idades entre 21 e 72 anos. Esse dado não corresponde à proporção estatística da população migrante brasileira e é uma das consequências do método de pesquisa em bola de neve. Entretanto, pode ser um dado interessante, pois diversos autores já anunciavam o caráter feminino da atual migração.

A maior parte dos respondentes, ou seja, 75,9%, tinha apenas nacionalidade brasileira, enquanto 23,6% possuíam dupla nacionalidade, relacionada a algum país da União Europeia, e apenas 0,5% possuía dupla nacionalidade relacionada a um país não pertencente à União Europeia. Daqueles que declararam possuir dupla nacionalidade (48

peçoas), os países apontados foram Portugal (60,4%), Itália (27,1%), Espanha (6,3%), Alemanha (2,1%), França (2,1%) e Estados Unidos (2,1%).

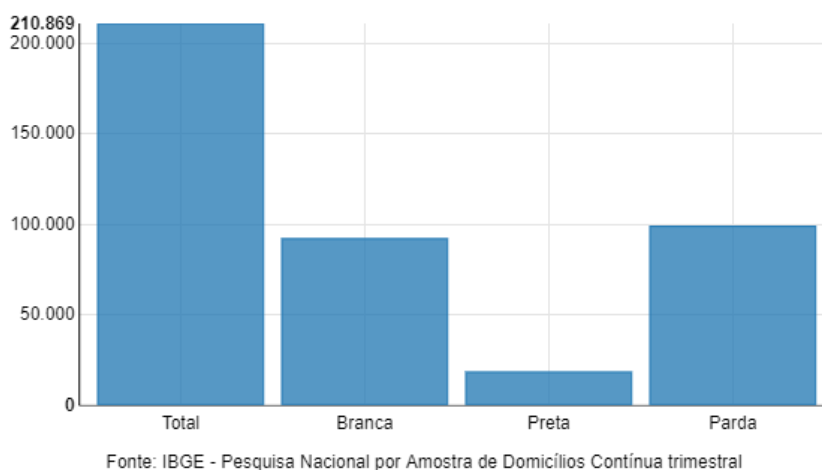
Com relação à cor, a grande parte dos respondentes se declara Branca (77,9%), seguido de 16,6% Parda e apenas 2,5% Preta, conforme Figura 2. Tal quadro, bastante contrastante com a própria matriz brasileira, em que os pardos são maioria (IBGE, 2020), conforme Figura 3. Entretanto, é um retrato das barreiras sociais de mobilidade e da heterogeneidade dos projetos de migração e inserção laboral brasileiros, decorrentes do racismo estrutural no Brasil, em que a cor é um forte marcador social. Tal perfil identificado, também pode estar enviesado como decorrência da forma de coleta de dados, em boa de neve.

Figura 2 – Raça/Cor



Fonte: Pesquisa O Impacto da COVID-19 na Migração Brasileira na Europa. PUC/MG, UFRGS, ULisboa, maio a julho de 2020.

Figura 3– População brasileira por raça ou cor



Fonte: IBGE. Dados do 2º trimestre 2020.

3.2 MORADIA E COMPOSIÇÃO FAMILIAR

A região do Brasil de onde vieram os imigrantes que responderam esta pesquisa foi majoritariamente a sudeste (51,3%), seguida pela região sul (24,9%), nordeste (14,1%), centro-oeste (4%) e norte (2%).

Tais dados se aproximam à pesquisa exposta por Barbosa e Lima (2020), na qual a “principal região de origem dos respondentes à pesquisa foi o Sudeste, com 56,7%, seguida do Nordeste, com 16,3%, Sul, 12%, Centro-Oeste, 11,7% e, por fim, Norte, representando 4,3% do total” (p. 95).

Em relação ao estado civil, quase a metade dos respondentes eram casados (49,7%), sendo o restante solteiros (42,7%), divorciados (6,5%) e viúvos (1%). Dentre os casados e em união estável, a maior parte se relaciona com brasileiros (63,6%), boa parte com cônjuge que possui dupla nacionalidade (brasileira e europeia), com 18,2%, sendo este mesmo percentual para cônjuges com nacionalidade europeia exclusiva.

Mais da metade dos respondentes declararam não possuir filhos (68,8%) e, dos que possuíam (30,6%), tinham de um a quatro filhos. Dos que declararam ter filhos, mais da metade viviam com eles (68,9%) e cerca de um terço (31,1%) não mais viviam com os pais. Considerando que a maior parte dos respondentes está há até 4 anos em Portugal, a parcela que possui filhos é representativa de um perfil de imigração que imigra com a

família, o que é observado cada vez mais, considerando a busca de muitas famílias por maior qualidade de vida e segurança para os filhos.

Acerca do perfil habitacional, conforme verifica-se na Tabela I, boa parte vive em casa alugada, não compartilhada, demonstrando a capacidade de arcar com custos mais elevados com habitação. Sendo que apenas 11% possui e vive em casa própria, o que é justificado pela maioria dos respondentes residir há até 4 anos em Portugal. Dado interessante é que nenhum dos respondentes vive em “Casa de acolhimento gratuita” ou “Pensão ou hotel”.

Tabela I

Com quem você vive na Europa?

Percentual	Com quem você vive na Europa?
55,3%	Sozinho/a (ou com o companheiro/ cônjuge/filhos) em CASA ALUGADA
11%	Sozinho/a (ou com o companheiro/ cônjuge/filhos) em CASA PRÓPRIA
5%	Em casa de familiares/amigos
1%	Casa de família
20%	Com uma ou mais pessoas, partilho casa/apartamento ALUGADO
3%	Com uma ou mais pessoas, partilho um quarto alugado, numa residência particular ou universitária
4%	Alugo um quarto, SÓ PRA MIM, numa residência particular ou universitária
0,5%	Prefiro não responder
0%	Casa de acolhimento gratuita
0%	Pensão ou hotel

Fonte: Pesquisa O Impacto da Covid-19 na Migração Brasileira na Europa. PUC/MG, UFRGS, ULisboa, maio a julho de 2020.

Identifica-se, ainda, que a maior parte dos respondentes vive em grandes centros, sendo 51,8% residentes em Lisboa, o que pode ser uma consequência natural da maior dinamicidade dos grandes centros, em que habitualmente há maior oferta de trabalho.

A renda média dos brasileiros que vivem em Portugal e responderam ao inquérito é de € 991,96 (novecentos e noventa e um euros e noventa e seis cêntimos), sendo a maior renda declarada de € 6.504,07 (seis mil, quinhentos e quatro euros e sete cêntimos) euros e a menor renda zero euros¹.

3.3 ATIVIDADE DOS MIGRANTES BRASILEIROS

Um dado que chama a atenção, mas que tem relação com a forma de coleta em bola de neve, é de que a maioria dos respondentes possui como maior nível de estudo concluído a pós graduação (58%), seguido de 33% com Ensino Superior. Uma pequena parcela possui Ensino Médio completo (8%), Ensino Fundamental (0,5%) ou nenhuma formação (0,5%). Considerando que a maioria dos respondentes chegaram à Portugal após 2016, esse dado revela um maior nível escolar dos migrantes brasileiros, o que também é observado na “Pesquisa Brasileiros em Portugal – 2018” exposta e analisada por Barbosa e Lima (2020).

Com relação à atividade dos migrantes respondentes, antes da pandemia, 40,7% apenas trabalha, 30,2% trabalha e estuda, 17,1% apenas estuda, 11,1% não tem atividade e 1,0% preferiu não responder.

Em 2019, consta nos dados do SEF que o enquadramento legal dos imigrantes brasileiros é 34,5% por atividade profissional, 26,9% reagrupamento familiar, 12,9% certificado de registro de nacional europeu e 11,0% estudos (SEF, 2020). Tal dado, entretanto, não reflete de forma absoluta as atividades da população, pois a forma de regularização não impede a realização de outra atividade, como por exemplo trabalhadores que também estudam, ou o contrário.

Não é, portanto, uma migração exclusivamente estudantil, apesar de muitas pessoas com esse fim ingressarem em Portugal por ser este um meio para estar regular e posteriormente iniciar uma trajetória profissional mais qualificada. Isto porque a

¹ Resposta ao inquérito em reais, tendo-se utilizado para a conversão o valor médio do câmbio no período da pesquisa, qual seja R\$6,15/euro (seis reais e quinze centavos por euro).

regularização através do estudo é mais simples e rápida do que a regularização através do trabalho, visto que a maioria daqueles que vêm com o intuito de trabalhar ingressam como turistas, sem o visto específico para o trabalho, dada a maior probabilidade de encontrar trabalho quando já se está em Portugal. O estudo é também uma estratégia adotada por aqueles que possuem melhores condições financeiras familiares no Brasil, pois os custos dos estudos são altos, principalmente para estudantes internacionais.

Mais da metade dos brasileiros (61,3%) se mantêm em Portugal a partir dos rendimentos do trabalho, 16,7% com poupanças próprias, 14,6% a partir dos financiamentos dos pais ou familiares, 5% a partir de outros rendimentos no Brasil ou venda de ativos como casa e carro.

Tal perfil ocupacional, em que 70,9% dos respondentes trabalha e que 61,3% se mantêm em Portugal a partir dos rendimentos do trabalho, analisado em conjunto com a informação obtida, de que apenas 14,6% da população pesquisada afirma enviar dinheiro para o Brasil, revela que são pessoas que, apesar de trabalharem, em sua maioria não imigram para ganhar dinheiro e enviar para a família, o que pode indicar uma busca por satisfação pessoal, ou mesmo uma não necessidade familiar de ajuda. O cruzamento do envio de dinheiro ao Brasil com o local de morada de quem envia não revela nenhuma especificidade.

Dos imigrantes que estavam trabalhando, menos da metade deles (38,7%) tinham o trabalho relacionado com a sua formação e 28,6% cumpriam funções não relacionadas a sua área de formação. Do total de respondentes, 32,6% ou não possuíam alguma formação específica ou preferiram não responder. Isso revela um dado observado na prática: mesmo com muita escolarização e alta qualificação, a colocação profissional na área de formação é um desafio para os migrantes, seja por conta da valorização do profissional português seja pela dificuldade de validação e reconhecimento dos títulos e qualificações.

Antes de virem para Portugal, 62,3% dos imigrantes trabalhavam no Brasil, 27,1% trabalhavam e estudavam, 6,5% somente estudavam e 4% não possuíam nenhuma atividade.

A maior parte desses imigrantes (78,4%) nunca esteve em situação irregular na Europa, mas um número significativo de imigrantes brasileiros (21,1%), em algum momento durante a estadia, já esteve em situação irregular. Dado que reforça o perfil respondente que realizou a imigração após 2016, que possui maior escolaridade e melhor planejamento migratório.

3.4 IMPACTOS DA PANDEMIA

Passa-se agora para a avaliação dos dados relativos à reação e impactos que a pandemia teve na população pesquisada.

À pergunta sobre qual é a sua situação do ponto de vista da sua atividade, 43% respondeu que mantém o mesmo trabalho, mas em regime de *homeoffice*/trabalho remoto, ou com redução de carga horária ou mesmo de salário; 13% respondeu que já não trabalhava antes da pandemia (estudante, aposentado, desempregado, doméstico/a etc); 11% estuda, em regime de ensino à distância; 8% afirma que nada mudou; 6% trabalha com o mesmo horário de antes da pandemia e desloca-se todos os dias para o local de trabalho; 6% não encontra trabalho; 5% foi despedido; 4% recebendo auxílio financeiro do governo português; 2% foi informado que seria despedido nas próximas semanas; 2% esteve em férias coletivas e forçadas; e 1% preferiu não responder.

Para aqueles que estava trabalhando foi perguntado de que forma a crise do COVID-19 poderia afetar o seu trabalho, e 33,7% respondeu que tem contrato de trabalho e pode ser demitido, 18,1% que não tem contrato e pode ser demitido, 12,6% afirma que pode ter o salário reduzido, 15,1% que trabalha sem contrato e está sem trabalho, 4,5% preferiram não dizer, e 16,1% não responderam.

Tais dados indicam o que já se sabe acerca da população migrante, que é mais vulnerável que os nacionais inclusive no aspecto laboral, de modo que se verifica um alto percentual de respondentes que não possui sequer contrato de trabalho.

Um aspecto interessante observado na prática da autora é que, ao perderem o trabalho, a solução encontrada por migrantes é buscar outros trabalhos informais de modo

a se manterem em Portugal, o que significa uma precarização do trabalho, sustentando-se com reservas enquanto não volta a trabalhar, ou mesmo retornar ao Brasil, principalmente para aqueles que chegaram há menos tempo. Não é o que se verifica dos dados coletados na pesquisa, conforme abaixo, o que indica novamente o enviesamento dos dados.

Se perderem o trabalho agora, 33,7% dos imigrantes não terão como custear as suas estadias na Europa. Já 30,5% dizem não serem afetados, pois possuem outras fontes de rendimento que não o trabalho. Aqueles a quem não se aplicavam essas questões ou que não souberam ou preferiram não responder somaram 35,7% do total de respondentes.

Para 46,2% a crise não afetará a situação de moradia, entretanto para os outros 46,2% a crise afeta de alguma forma, seja na impossibilidade de continuar pagando o aluguel ou o financiamento do imóvel onde reside. Do total de respondentes, 7% não se aplicava ou preferira não responder.

Com relação aos aluguéis (em Portugal denominados arrendamentos), pela proteção dos arrendatários, o Governo, na Lei n.º 1-A/2020, de 19 de março, determinou que ficam suspensos os efeitos de denúncias aos contratos, os quais não podem ser encerrados durante a crise do COVID-19, nem despejados os inquilinos, mantendo-se todos os direitos e deveres de ambas as partes. Tal determinação foi prorrogada até 31 de dezembro de 2020 pela Lei n.º 58-A/2020, de 30 de setembro. Tal medida, juntamente com a possibilidade de suspensão dos pagamentos das rendas durante o estado de emergência, apesar de não terem como objetivo beneficiar os migrantes, permitiu que toda a população residente se beneficiasse de algumas facilidades para enfrentar a crise.

Quando questionados sobre a quem tem recorrido durante a crise, dentre as entidades citadas muitos indicaram recorrer a mais de uma instituição em busca de apoio. Os familiares, amigos ou conhecidos do país de origem foram os mais citados, somando 51,3% das respostas, a frente de amigos, familiares e conhecidos de Portugal (30,2%). As instituições com as quais menos se contou com o apoio foram o Governo europeu (4,5%), as associações de imigrantes (3,5%), as embaixadas e consulados do país de origem (2,5%) e as instituições de ensino, com apenas 1%.

Tal dado é interessante, pois demonstra algo observado na prática que é a falta de confiança nas instituições formais, seja por conta da burocracia e demora em obter respostas a pedidos de apoios, como o da Segurança Social, que, no momento da coleta de dados era exclusivo para aqueles que contribuía para a entidade, deixando muitas pessoas, inclusive os estrangeiros, em situação vulnerável.

Com relação à instituição brasileira em Portugal com maior representatividade para os cidadãos brasileiros, prestando serviços diversos, o Consulado Brasileiro em Lisboa, no dia 16/03/2020, anunciou a suspensão dos atendimentos agendados e determinou que apenas seriam atendidos casos emergenciais, através de email, nomeadamente: turistas com passaporte extraviado, falecimento com repatriação de corpo, casos hospitalares e ameaça à integridade física. Entretanto, a falta de resposta mesmo aos casos emergenciais e não regularização dos atendimentos de uma forma geral, até o presente momento, agravam a sensação de insegurança e medo no estrangeiro.

O Consulado Brasileiro procedeu, por outro lado, a um apoio que não chegou a todos e que, pela própria situação de urgência, dava respostas demoradas, que foi o repatriamento de brasileiros, cujo critério era a situação de impossibilidade de retorno por cancelamento dos voos comerciais e que aqui ficaram retidos. Medida importante, mas cujo acesso dependeu em certa medida da sorte, pois alguns brasileiros que cumpriam o requisito conseguiram, e outros não, ocasionando aglomerações no aeroporto de Lisboa² de pessoas que não obtinham resposta do Consulado e que estavam em situação de vulnerabilidade, sem alojamento, por exemplo, tendo em vista a escassez de dinheiro e o fechamento de hotéis.

Sobre os apoios, os imigrantes declaram receber algum tipo, o principal apontado por eles foi em relação à saúde mental, social ou física, com 36,7% dos respondentes tendo necessitado desse tipo de apoio. Os demais apoios foram em relação à comunicação

² Notícia do Diário de Notícias, do dia 27 de abril de 2020, disponível em <https://www.dn.pt/pais/consulado-do-brasil-esclarece-regras-para-os-voos-de-repatriamento12122744.html>

(26,6%), alimentação (15,1%), alojamento (7,5%) e de orientação para regularização de alguma situação jurídica (6%).

Com relação ao apoio para a saúde, o mais acessado, pode dever-se ao fato do Governo Português ter determinado, através do Decreto-Lei n.º 12-A/2020 de 6 de abril, que qualquer pessoa diagnosticada com COVID-19 teria acesso ao sistema de saúde e receberia cuidados gratuitamente. Além disso, para os cidadãos estrangeiros que possuem autorização de residência, a inscrição e acesso ao SNS é prevista no Despacho n.º 25 360/2001, do Ministro da Saúde, de 16 de novembro, sendo que para brasileiros, em decorrência do acordo de seguridade social firmado entre Brasil e Portugal, o acesso ao denominado PB4 ou CDAM permite o atendimento no sistema nacional de saúde como se nacional fosse, mediante pagamento das taxas moderadoras.

Ademais, logo no início da pandemia, o Governo, através do Despacho n.º 3863-B/2020 de 27 de março permitiu que cidadãos estrangeiros com processos pendentes no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, protocolados até 18 de março, fossem considerados em situação regular perante o SEF, de modo acessar todos os direitos e sistemas do Estado, inclusive o sistema de saúde, os apoios extraordinários e subsídios do Estado.

O Governo português adotou, ao longo da pandemia, muitas medidas de proteção às pessoas e à situação jurídica e documental de nacionais e estrangeiros, com a suspensão dos efeitos de denúncia a contratos, impedimento de despejos, moratórias para dívidas e financiamentos, contratos de arrendamento, prorrogação dos prazos de validade de documentos, regularização de estrangeiros com manifestação de interesse³ apresentadas até 18 de março de 2020 que dessa forma passam a poder acessar todos os serviços do Estado como se regulares fossem.

Também houve, por parte do Governo, através do Despacho n.º 5793-A/2020 de 26 de maio, medidas com o objetivo de facilitar trâmites, compensar o tempo em que os atendimentos no SEF foram parcialmente paralisados e diminuir o fluxo de pessoas nos

³ Etapa de regularização através do trabalho sem visto (arts. 88, 2º e 89, 2º da Lei 23/2007 de 04 de Julho.

postos de atendimento, que acabaram por trazer acesso a direitos e tranquilidade aos migrantes. Uma delas foi a medida de renovação automática das autorizações de residência, em que é possível renovar e receber o novo título de autorização em casa sem ser necessário o deslocamento ao SEF, através do portal da entidade.

Outra medida de simplificação dos procedimentos para autorização de residência, decorrente do referido despacho, foi a dispensa de apresentação de documentos que foram protocolados no momento da manifestação de residência e que constam na base de dados do sistema no momento da entrevista, apesar de tal medida não ter sido verificada na prática por todos os postos de atendimento, que exigiram a apresentação dos documentos já apresentados aquando da realização da manifestação.

O que se percebe é que, efetivamente, o Governo português adotou medidas importantes para a segurança da população, inclusive a imigrante, o que é plenamente reconhecido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (2020) em seu relatório anual sobre migrações internacionais e que esse ano contemplou os efeitos da pandemia nos fluxos e situação dos migrantes. O relatório ressalta a diminuição nos fluxos migratórios em 2020, que dificilmente serão retomados mesmo quando da recuperação das economias e suspensão de restrições nas fronteiras.

Algo que já é observado na prática, pois as restrições na entrada de turistas nas fronteiras impedem o acesso do histórico fluxo migratório de indivíduos que ingressam no país como turistas, sem visto específico, para posterior regularização. Esse cenário determina o tipo de migrante que atualmente ingressa em Portugal, quais sejam estudantes, empreendedores, profissionais qualificados, aposentados ou detentores de rendas próprias, que saem do Brasil com visto emitido pelo Consulado Português. Aqueles que vêm para buscar emprego, por ora, estão deixando os planos em espera, pois desde 18 de março de 2020 as fronteiras estão fechadas para turistas, através de decretos que são renovados a cada 15 dias.

Para aqueles que aqui já estão, dado muito interessante e expressivo é que, conforme a Tabela II, a maioria dos respondentes (65,33%) declara que deseja permanecer na Europa independente de ter trabalho, o que pode ter influência do

momento em que foi realizada a coleta, quando quem pretendia voltar já poderia voltado, mas denota que são pessoas com algum preparo financeiro para estar sem trabalhar ou que, mesmo sem trabalho, fazem a escolha de não estar no Brasil, dado verificado na prática, no atendimento aos clientes brasileiros, em que o maior motivo que conduz à escolha de migrar é a busca por melhores oportunidades, qualidade de vida e segurança, sendo os dois últimos muito relacionados.

Tabela II

Nesse momento, o que você gostaria de fazer?⁴

Nesse momento, o que você gostaria de fazer?	Percentual
Regressar imediatamente ao Brasil	7,04%
Permanecer na Europa independentemente de ter trabalho	65,33%
Ir para outro país	6,53%
Permanecer na Europa	7,54%
Não sei	10,05%
Preferem não responder	3,02%
Voltar ao Brasil assim que o semestre na universidade acabar	0,50%
Total	100,00%

Fonte: Pesquisa O Impacto da Covid-19 na Migração Brasileira na Europa. PUC/MG, UFRGS, ULisboa, maio a julho de 2020.

Dificuldades são relatadas pelos migrantes de uma forma geral como saudades de pessoas, culinária, estilo de vida e até clima. Motivos que levam muitas pessoas a voltarem para o Brasil, mas aquelas que permanecem relatam permanecer apesar de todas as dificuldades em razão dos motivos que conduziram à escolha como melhor qualidade de vida, de oportunidades e segurança. Interessante ressaltar que aqueles que se referem às melhores oportunidades geralmente são os que, no Brasil, não possuíam privilégios de classe ou familiares ou não conseguiriam, através do seu trabalho, acesso à escola e saúde de qualidade, nomeadamente nos sistemas públicos.

⁴ Na categoria “Permanecer na Europa” agrupou-se aqueles que responderam que gostariam de permanecer em Portugal ou na Europa, aqueles que permanecem caso continuem ou encontrem trabalho.

Barbosa e Lima (2020) também identificam um alto percentual de migrantes que não pretendem retornar ao Brasil, tanto nos migrantes que estão há mais de 10 anos em Portugal quanto aos migrantes recentes (pós 2016), o que “se relaciona com o contexto econômico, social e político do Brasil quando a pesquisa foi realizada, o qual influencia também a decisão de viver em um país estrangeiro” (p. 128). Tal dado, também exploratório, reforça o dado encontrado na pesquisa analisada no presente trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a pesquisa e a forma de coleta de dados (em bola de neve), que resultou em dados enviesados, que não correspondem em muitos aspectos à totalidade dos migrantes brasileiros em Portugal e que não permitem inferir a realidade dessa população, este trabalho permitiu perceber e avaliar os perfis dos migrantes que chegaram após 2016, sendo estes a maioria dos respondentes, e perceber a forma como estão a enfrentar e reagir à crise atual por COVID-19.

É, portanto, uma amostra não representativa, mas que traz dados novos num cenário de dados escassos sobre a pandemia e o reflexo nos migrantes brasileiros. Por isso, a pesquisa tem relevância, mas deve ser entendida de forma exploratória.

Observa-se que, através do perfil dos respondentes, ainda que não representativa do universo, parte expressiva do grupo possui condições financeiras mais elevadas, com maior nível de estudo, o que indica uma concretização da 4ª onda migratória anunciada por Oltramari, Fraga e Scherera (2020).

A pandemia do COVID-19 e sua consequente crise econômica, financeira, com a alta do câmbio Euro-Real e fronteiras fechadas, é um cenário que pode influenciar na mudança do perfil dos atuais e futuros migrantes, aqueles que migraram esse ano ou ainda não fizeram a viagem. Isto porque, apesar de as motivações para a migração continuarem as mesmas e o acesso aos vistos, especialmente para o atual perfil migratório que já chega em Portugal com o visto de residência, continuar a ser o mesmo, a diferença cambial pode ser um dificultador para aqueles que vivem ou viverão de rendas

próprias/familiares (como aposentados, investidores e estudantes), para iniciar ou manter a migração.

Percebe-se que os migrantes brasileiros em Portugal estão sofrendo fortes impactos em relação à pandemia. Conforme habitualmente, os migrantes contam com apoio familiar, mesmo que distante, em sua maioria sendo, portanto, a instituição em que mais se confia, sendo as instituições formais as últimas a serem procuradas. Sobre a questão de trabalho, mais da metade dos imigrantes não está dentro da sua área de formação e os impactos para grande parte deles, caso venham a perder o emprego, estão fortemente ligados a moradia.

Dado expressivo é o desejo expressado pelos respondentes de permanecer em Portugal independente de ter trabalho, o que demonstra a importância dos motivos que levaram à migração e que não se modificaram com a crise, além da provável maior capacidade financeira dos respondentes.

O Governo português tomou medidas importantes, inclusive para a população migrante, que permitiram o acesso à saúde e apoio da segurança social, além de outras medidas que foram gerais e beneficiaram tanto os próprios portugueses, quanto os imigrantes, como moratórias e proteção aos arrendatários.

Dessa forma, apesar de exploratória, a pesquisa lançou luzes sobre como está reagindo a população migrante brasileira em Portugal durante a crise do COVID-19. Entretanto, a necessidade de saber mais sobre essa nova realidade não se esgota aqui, sendo importante se perceber como está a situação pós 1ª onda da pandemia em Portugal, e como ficará durante a 2ª onda, que já está sendo vivida no país e na Europa.

REFERÊNCIAS

- Baganha, Maria Ioannis, Ferrão, João & Malheiros, Jorge Macaísta. (1999). Os imigrantes e o mercado de trabalho : o caso português. *Análise Social*, Vol. 34, nº 150.
- Barbosa, A. e Lima, A. (2020). *Brasileiros em Portugal: de volta às raízes lusitanas /* Alanni Barbosa , Álvaro Lima. - Brasília : FUNAG, 2020.
- Bhutta, C. B. (2012). Not by the book: Facebook as a sampling frame. *Sociological Methods & Research*, 41(1), 57-88.
- Brianda, Dr Sylvie C. (2016). Into the future: are we ready to face modern outbreaks?. OMS. In *Weekly epidemiological record*, n. 13, ano 91, 169–180. Disponível em <https://www.who.int/wer/2016/wer9113.pdf> [Acesso em: 01/10/2020]
- Diário de Notícias (2020). *Consulado do Brasil esclarece regras para os voos de repatriamento*. disponível em <https://www.dn.pt/pais/consulado-do-brasil-esclarece-regras-para-os-voos-de-repatriamento-12122744.html> [Acesso em: 01/10/2020]
- Direção-Geral da Saúde (2020). *COVID-19: Perguntas Frequentes*. Disponível em <https://covid19.min-saude.pt/perguntas-frequentes/> [Acesso em: 28/09/2020]
- Esteves, Alina Isabel Pereira, Fonseca Maria Lucinda Cruz dos Santos & Malheiros Jorge da Silva Macaísta (2017a). Labour market integration of immigrants in Portugal in times of austerity: resilience, in situ responses and re-emigration. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, DOI: 10.1080/1369183X.2017.1346040
- Esteves, Alina e outros (2017.b) .*Condições de vida e inserção laboral dos imigrantes em Portugal: efeitos da crise de 2007-2008*. 1ª ed. – (Estudos 60).
- Fasani, F., Mazza, J. (2020). A Vulnerable Workforce: Migrant Workers in the COVID-19 Pandem. *Publications Office of the European Union*, Luxembourg, EUR 30225 EN, ISBN 978-92-76-18958-9, doi:10.2760/316665, JRC120730.
- França, T. e Padilla, B. (2018). Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção midiática de uma nova vaga. Ed. *Fundação Joaquim Nabuco*, Volume 33, número 2, jul./dez. 2018. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/17723> [Acesso em: 27/09/2020]

- Greenaway, Christina e Gushulak, Brian D. (2017). Chapter 16: Pandemics, migration and global health security. In: Bourbeau, Philippe (edit). *Handbook on Migration and Security*. 316–336. Collection: Social and Political Science 2017. DOI:<https://doi.org/10.4337/9781785360497.00026>. Disponível em <https://www.elgaronline.com/view/edcoll/9781785360480/9781785360480.00026.xml> [Acesso em: 15/09/2020]
- Góis, Pedro et al. (2009). Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. In: Padilla, Beatriz e Xavier, Maria (org.). *Revista Migrações - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina*, n.º 5, 111-133, Lisboa: ACIDI, Outubro 2009.
- Harris, Dr Margaret (2016). A journey through 90 years of the Weekly Epidemiological Record. OMS. In *Weekly epidemiological record*, n. 13, ano 91, 169–180. Disponível em <https://www.who.int/wer/2016/wer9113.pdf> [Acesso em: 02/10/2020]
- IBGE (2020). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403> [Acesso em: 28/10/2020]
- Laranjeiro, A. et. Al. (29.02.2020) *Coronavírus: Pandemia económica já contagia Portugal*. Disponível em: <https://www.dinheirovivo.pt/economia/galeria/coronavirus-pandemia-economica-ja-contagia-portugal/> [Acesso em: 10/10/2020]
- Machado, Fernando Luís. (1997). Contornos e especificidades da imigração em Portugal. In *Sociologia – Problemas e Práticas*, n.º 24.
- Malheiros, J. (2007) Os brasileiros em Portugal - A síntese do que sabemos. In: Malheiros, J. (org.). *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Malinowski, Bronislaw (1978). Introdução. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: *Argonautas do pacífico ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. pp. 17-34.
- Ministério De Administração Interna. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, Núcleo de Planeamento. *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*: 2008; 2009; 2010; 2011; 2012; 2013; 2014; 2015; 2016; 2017; 2018. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/forms/relatorios.aspx> [Acesso em:01/10/2020]

- Organização Internacional do Trabalho (2020). *Portugal: Uma análise rápida do impacto da COVID-19 na economia e no mercado de trabalho*. Disponível em: https://www.ilo.org/lisbon/publica%C3%A7%C3%B5es/WCMS_754606/lang--pt/index.htm [Acesso em:01/10/2020]
- Oliveira, Roberto C. (2006). O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, pp. 17-35.
- Oltramari, Andrea P., Fraga, Aline M & Scherera, Laura A. (2020). Quarta Onda de Imigrantes Brasileiras(os) em Portugal: Classe, Gênero e Redes em Evidência nas Relações de Trabalho. *Working Paper*.
- Organização Mundial da Saúde (2008). *The world health report 2007: a safer future: global public health security in the 21st century*. Geneva, Switzerland: World Health Organization.
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2020). *International Migration Outlook. OECD Publishing, Paris*. <https://doi.org/10.1787/ec98f531-en>.
- Padilla, B. (2006). Integração dos ‘imigrantes brasileiros recém chegados’ na Sociedade Portuguesa : Problemas e Possibilidades. In Machado, I. J. De R. (org.) *Um Mar de Identidades : Imigração brasileira em Portugal*. São Carlos : Edufscar.
- Peixoto, João. (1999) *A Mobilidade Internacional dos Quadros – Migrações Internacionais, Quadros e Empresas Transnacionais em Portugal*. Oeiras : Celta Editora.
- Peixoto, João. (2002). Os mercados da imigração : modos de incorporação laboral e problemas de regulação dos imigrantes estrangeiros em Portugal. *Cadernos Sociedade e Trabalho*, nº 11.
- SEF (2020). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo, 2019*. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/forms/relatorios.aspx> [Acesso em:01/10/2020]
- Skeldon, Ronald (2008) - International Migration as a Tool in Development Policy: A Passing Phase? Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1728-4457.2008.00203.x> [Acesso em:28/06/2020]
- Weber, Florence (2009). *Trabalho fora do trabalho. Uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond, pp. 23-66.

APÊNDICE

Questionário cujos dados foram utilizados para a elaboração do presente trabalho.

O Impacto da COVID-19 na Migração Brasileira na Europa

CONVITE:

Solicitamos aos migrantes brasileiros que residem na Europa que colaborem com este estudo através do preenchimento do questionário que se segue. O questionário é dirigido aos indivíduos nascidos no Brasil ou de nacionalidade brasileira, maiores de 18 anos, que tenham saído do Brasil depois de 2010 e atualmente vivam, estudem ou trabalhem na Europa.

OBJETIVO:

O objetivo deste questionário é avaliar o impacto do novo Coronavírus (COVID-19) no trabalho e a na vida de migrantes brasileiros na Europa.

QUEM SOMOS:

Andrea Oltramari e equipe Observatório Internacional de Carreiras (OIC/PPGA/UFRGS)

Daniel Abs da Cruz e equipe Grupo de Estudo em Contexto Digitais e Desenvolvimento Humano (EA/UFRGS)

Duval Fernandes (Grupo de Estudos Distribuição Espacial da População (GEDEP-PPGGG/PUC Minas)

João Peixoto (SOCIOUS/CSG, ISEG, Universidade de Lisboa)

O QUE PRETENDEMOS:

Conhecer o impacto desta crise pandêmica na vida e trabalho dos migrantes brasileiros e apresentar algumas recomendações que visem atenuar os seus efeitos adversos.

PROTEÇÃO DE DADOS

Os dados recolhidos são anônimos e serão tratados confidencialmente. Os resultados serão apresentados de forma agregada, impedindo a identificação dos respondentes.

Para quaisquer esclarecimentos contate-nos através do e-mail: covid19brpt@gmail.com

Muito obrigada!

Andrea Oltramari

Daniel Abs da Cruz

Duval Fernandes

João Peixoto

Antes de começar

Precisamos saber se, após ter lido a informação disponibilizada acima, aceita participar nesse estudo:

Aceito participar neste estudo e dou a minha anuência para que os resultados sejam utilizados em contexto de investigação científica.

Sim

Não

I. IDENTIFICAÇÃO

1) Gênero

Feminino

Masculino

Outro:

Prefiro não responder

2) Raça/Cor

Preta

Parda

Indígena

Asiático

Branco

Prefiro não responder

3) Ano de Nascimento _____

Prefiro não responder

4) Naturalidade

Nasceu no Brasil (sim e não)

Se nasceu no Brasil (UF e município)

Se nasceu em outro país indicar qual.....

Prefiro não responder

5) Nacionalidade

Só Brasileira

Possuo dupla nacionalidade (do Brasil de outro país da União Europeia - UE-27): Qual?

Possuo dupla nacionalidade (do Brasil e de outro país NÃO membro da União Europeia - UE-27): Qual?

Prefiro não responder

6) Residência atual

País que vive hoje:

Cidade que vive hoje:

Quanto tempo reside nesse país e nessa cidade :

Prefiro não responder

7) Estado Civil

Solteiro

Casado/ União Estável

Separado/ Divorciado

Viúvo

Prefiro não responder

8) Qual o maior nível de estudo concluído?

Fundamental (1º grau)

Médio (2º grau)

Superior

Pós graduação (mestrado ou doutorado)

Nenhum

Prefiro não responder

II. MORADIA E COMPOSIÇÃO FAMILIAR

9) Se é Casado ou vive em União Estável, qual a nacionalidade do seu cônjuge/companheiro?

Brasileiro/a

De outro país da UE-27? Qual?

De outro país de fora da UE-27? Qual?

Prefiro não responder

10) Tem Filhos? Sim Não (nota para formatação laço para pergunta 13)

Prefiro não responder

11) Se tiver filhos, quantos filhos tem ?_____

Prefiro não responder

12) Todos os seus filhos vivem com você?

Sim não

Caso nem todos seus filhos vivem com você indique quantos moram no Brasil e quantos moram em outro país

Prefiro não responder

13) Com quem você vive na Europa?

Sozinho/a (ou com o companheiro/ cônjuge/filhos) em CASA ALUGADA

Sozinho/a (ou com o companheiro/ cônjuge/filhos) em CASA PRÓPRIA

Em casa de familiares/amigos

Casa de acolhimento gratuita

Pensão ou hotel

Casa de família

Com uma ou mais pessoas, partilho casa/ apartamento ALUGADO

Com uma ou mais pessoas, partilho um quarto alugado, numa residência particular ou universitária

Alugo um quarto, SÓ PARA MIM, numa residência particular ou universitária

Outro:

Prefiro não responder

14) Qual é a SUA Renda Média? (indique o valor aproximado em Reais)

Prefiro não responder

15) Qual é a Renda Média do DOMICÍLIO com quem vive na Europa? (indique o valor aproximado em Reais)

Prefiro não responder

III. PROJETO MIGRATÓRIO

16) Sobre a sua chegada na Europa:

Se migrou para fora do Brasil mais de uma vez, qual o ano que migrou pela PRIMEIRA vez?

Se retornou ao Brasil, qual o ano?

ÚLTIMO ANO que veio para Europa:

Qual o último /ESTADO em que viveu no Brasil antes de se mudar para a Europa ?

Prefiro não responder

17) Porque motivo saiu do Brasil? (pode escolher mais de uma opção)

Motivos familiares (reunir ou acompanhar a família)

Motivos familiares (separação ou divórcio)

Estava desempregado/a

Estava empregado/a, mas o meu salário era muito baixo

Não tinha oportunidades de carreira profissional

Oportunidade de desenvolvimento de negócio

Queria estudar ou melhorar a minha formação profissional

Não via futuro no país

Realizar novas experiências

Outro. Qual? _____

Prefiro não responder

18) Qual o principal motivo da sua vinda para Europa?

Estudo

Motivos afetivos (relacionamento)

Motivos familiares(reunião familiar)Trabalho

Trabalhar por conta própria (empreender)

Investir (mercado financeiro, mercado imobiliário)

Expatriado/a (emigrou para trabalhar pela mesma empresa que trabalhava no Brasil)

Aposentadoria (imigrou com recursos da aposentadoria no Brasil)

Reagrupamento Familiar (vim para estar com a família)

Exilado (exílio voluntário))

Refugiado (solicitou refúgio em algum país Europeu

Outro. Qual? _____

Prefiro não responder

19) Qual status migratório possui nesse momento?

Título de residência permanente

Título de residência de média ou longa duração (entre um a cinco anos)

Título de residência de curta duração (inferior a um ano)

Não tenho título de residência

Tenho dupla nacionalidade (incluindo europeia)

Visto de turista

Prefiro não responder

20) Em algum momento da estadia na Europa ficou em situação irregular?

Sim / Não

Prefiro não responder

IV. ATIVIDADE – TRABALHO E ESTUDO (Considere a situação antes da pandemia do COVID-19)**21) Qual era a sua atividade antes de chegar na Europa?**

Você estudava (laço para a questão 24)

Você trabalhava

Você trabalhava e estudava

Não tinha atividade (laço para a questão 24)

Prefiro não responder

No caso de ter trabalho, qual trabalho tinha antes de chegar na Europa?

22) Ocupação (indique da forma mais pormenorizada possível) _____

Prefiro não responder

23) Setor

Agricultura

Indústria

Construção civil

Comércio, alojamento e restauração, transportes, estética

Serviços às empresas, atividades financeiras

Educação

Saúde

Serviços pessoais, atividades domésticas

Outro. Qual? _____

Prefiro não responder

24) Quais fatores têm contribuído para financiar a sua estadia na Europa?

Poupanças próprias

Financiamento dos pais ou de outros familiares

Empréstimo bancário/ agiota

Rendimentos de propriedades (alugueis) ou de outros investimentos

Rendimento do trabalho

Venda de ativos como casa, carro, etc

Prefiro não responder

25) Em relação as suas atividades na atualidade: (considere a situação antes da pandemia do COVID-19)

Você estuda

Você trabalha (laço para a pergunta 29)

Você trabalha e estuda

Não tem atividade (laço para a pergunta 34)

Prefiro não responder

(apenas para os que estudam ou trabalham e estudam)

26) Está matriculado em alguma Universidade ?

Sim.

Não

Prefiro não responder

(apenas para os que estudam ou trabalham e estudam)

27) Possui alguma bolsa de estudos?

Sim

Não

Prefiro não responder

(apenas para os que estudam ou trabalham e estudam)

28) O curso em que está encontra-se em qual Grande Área do Conhecimento?

Agricultura

Artes e Humanidades

Ciências Sociais, Comércio e Direito

Ciências, Matemática e Informática

Engenharia, indústrias transformadores e construção

Educação

Saúde e Proteção Social

Serviços

Outros Cursos

Prefiro não responder

(apenas para os que trabalham ou trabalham e estudam)

Que trabalho tem na Europa? (considere a situação antes da pandemia do COVID-19)

29) Ocupação (indique da forma mais pormenorizada possível)

30) Setor

Agricultura

Indústria

Construção civil

Comércio, alojamento e restauração, transportes

Serviços às empresas, atividades financeiras

Educação

Saúde

Serviços pessoais, atividades domésticas

Outro. Qual? _____

Prefiro não responder

31) Você faz dupla jornada de trabalho (se tem mais de uma ocupação)? Sim Não

Prefiro não responder

32) Para quantos lugares você trabalha? _____O trabalho é no horário: Diurno Noturno Diurno e noturno

Prefiro não responder

33) O trabalho que faz estava relacionado às suas qualificações/formação profissional? Sim Não

Prefiro não responder

V. A PANDEMIA**34) Teve suspeita ou diagnóstico de COVID-19:**

Sim

Não

Prefiro não responder

35) Neste momento, qual é a sua situação do ponto de vista da sua atividade? (Por favor, escolha aquelas que melhor refletem a sua situação.)

Não trabalho e já não trabalhava antes da pandemia (estudante, aposentado, desempregado, doméstico/a etc.)

Trabalho com o mesmo horário de antes da pandemia, e a desloco-me todos os dias para o local de trabalho

Mantenho o mesmo trabalho, mas em regime de homeoffice/trabalho remoto

Estou em férias coletivas e forçadas

Fui despedido

Fui informado pela minha entidade patronal de que serei despedido nas próximas semanas

Quero trabalhar, mas não consigo encontrar trabalho

Estou trabalhando por aplicativos como motorista/entregador (Uber/Rappi/Deliveroo...)

Estou recebendo auxílio financeiro do governo do país que vivo hoje

A estudar, em regime de ensino à distância

Nada mudou

Outra situação, qual? _____

Prefiro não responder

36) Se está trabalhando, de que forma a crise da COVID-19 pode afetar o seu trabalho?

Posso ser demitido (Tenho contrato de trabalho e trabalho por conta de outrem)

Posso ser demitido (NÃO tenho contrato de trabalho)

Pode haver uma redução no meu salário

Trabalho sem contrato formal, mas não posso prestar serviço neste momento (por exemplo, o meu serviço tem que ser realizado presencialmente)

Trabalho sem contrato formal, mas não tenho clientes neste momento (os meus serviços deixaram de ter procura)

Não sei

Outro:

Prefiro não responder

37) Se perder o trabalho agora, de que forma isso irá afetar a continuidade de sua estada na Europa

Irá afetar porque não terei mais como custear a minha estadia na Europa

Não sei

Não irá afetar, pois ainda tenho outros rendimentos para custear a minha estadia na Europa

Não irá afetar, pois não dependo do trabalho para custear a minha estadia na Europa

Prefiro não responder

38) Como a crise da COVID-19 poderá afetar o seu local de residência?

Não irá afetar o meu local de residência

Sim, irá afetar, pois vivo Sozinho/a (ou com o companheiro/ cônjuge) e não conseguirei continuar a pagar a renda ou a prestação da casa.

Não irá afetar diretamente, pois vivo em casa de familiares/amigos.

Sim, irá afetar, pois partilho a casa/ apartamento ALUGADO (com uma ou mais pessoas) e um ou mais de nós não poderá mais pagar a renda e/ou dividir as despesas.

Sim, irá afetar, pois não terei mais condições de alugar um quarto, SÓ PARA MIM, numa residência particular ou universitária.

Sim, irá afetar, pois não terei mais condições de partilhar um quarto (com uma ou mais pessoas) numa residência particular ou universitária.

Outro:

Prefiro não responder

39) A quem recorria antes da crise da COVID-19, e a quem tem recorrido durante esta crise, quando precisa de algum tipo de auxílio?

POR FAVOR ASSINALE UMA RESPOSTA EM CADA LINHA PARA Sim ou não

Familiares, amigos e/ou conhecidos do seu país de origem

Familiares, amigos e/ou conhecidos de outros países

Sua instituição de ensino

Sua entidade empregadora

Seguro desemprego

Associações de imigrantes ou que trabalham com imigrantes

Outras ONG's do país de residência

Governo

Governo do seu país de origem (inclui apoio de embaixadas e/ou consulados)

Familiares, amigos e/ou conhecidos em Portugal

Prefiro não responder

40) Se na questão acima, respondeu que DURANTE A CRISE TEM RECORRIDO AO APOIO DE ASSOCIAÇÕES DE IMIGRANTES OU DAQUELAS QUE TRABALHAM COM IMIGRANTES, quais têm sido esses apoios?

Pode escolher mais de uma opção

Ajuda com a alimentação

Apoio para resolver problemas de alojamento

Ajuda financeira para regressar ao país de origem

Algum tipo de orientação para regularização da sua situação jurídica

Qualquer tipo de apoio à saúde (mental, social e física)

Qualquer tipo de assistência na intermediação com o Consulado/Embaixada do seu país de origem

Outro:

Prefiro não responder

41) Se, na questão acima respondeu que DURANTE A CRISE TEM RECORRIDO AO APOIO DO GOVERNO DO PAÍS QUE VOCÊ SE ENCONTRA, quais são esses apoios?

Pode escolher mais de uma opção

Qualquer tipo de ajuda financeira

Qualquer tipo de Assistência na intermediação com o seu país de origem, ou com a Embaixada/ Consulado do seu país de origem

Qualquer tipo de apoio à saúde (física e mental)

Outro:

Prefiro não responder

42) Se, na questão acima, respondeu que DURANTE A CRISE TEM RECORRIDO AO APOIO DO GOVERNO DO SEU PAÍS DE ORIGEM, quais são esses apoios?

Pode escolher mais de uma opção

Qualquer tipo de ajuda financeira

Qualquer tipo de Assistência proveniente do seu país de origem, ou da Embaixada/ Consulado do seu país de origem

Qualquer tipo de apoio à saúde (física e mental)

Outro:

Comunicação/ Informação

Prefiro não responder

43) Qual dos impactos da crise do COVID-19 listados abaixo teve maior impacto na sua vida?

Indique a intensidade do quanto as ocorrências abaixo têm trazido sofrimento a você, sendo que 1 é nenhum sofrimento, e 5 é o máximo de sofrimento.

Possibilidade de ficar doente

Possibilidade de não ter acesso ao sistema de saúde

Possibilidade de não poder trabalhar na minha área de formação

Possibilidade de morrer

Restrições de viajar

Distanciamento social

Alterações na rotina de trabalho

Fechamento das lojas

Possibilidade de falta de produtos no supermercado

Possibilidade de Desemprego/perda de receita

Cuidado de crianças e idosos

Possibilidade de aumento da criminalidade

Possibilidade de não conseguir ver minha família no Brasil

Possibilidade de não conseguir pagar o aluguel

Possibilidade de perder minha rede de amigos

Prefiro não responder

VI. PLANOS FUTUROS

44) Nesse momento, o que você gostaria de fazer?

Regressar imediatamente ao Brasil

Permanecer na Europa independentemente de ter trabalho

Ir , para outro país Sim Não, Em caso de sim qual país

Não sei

Prefiro não responder

Espaço para você escrever sobre o que espera para seu futuro:

Indique se gostaria de receber uma cópia do resultado final da pesquisa pelo seu email.
e-mail:

45) Gostaria de ser entrevistado por alguém desse projeto para contar mais sobre sua situação de migrante?

Sim – Por favor deixa um telefone ou e-mail de contato.

Não